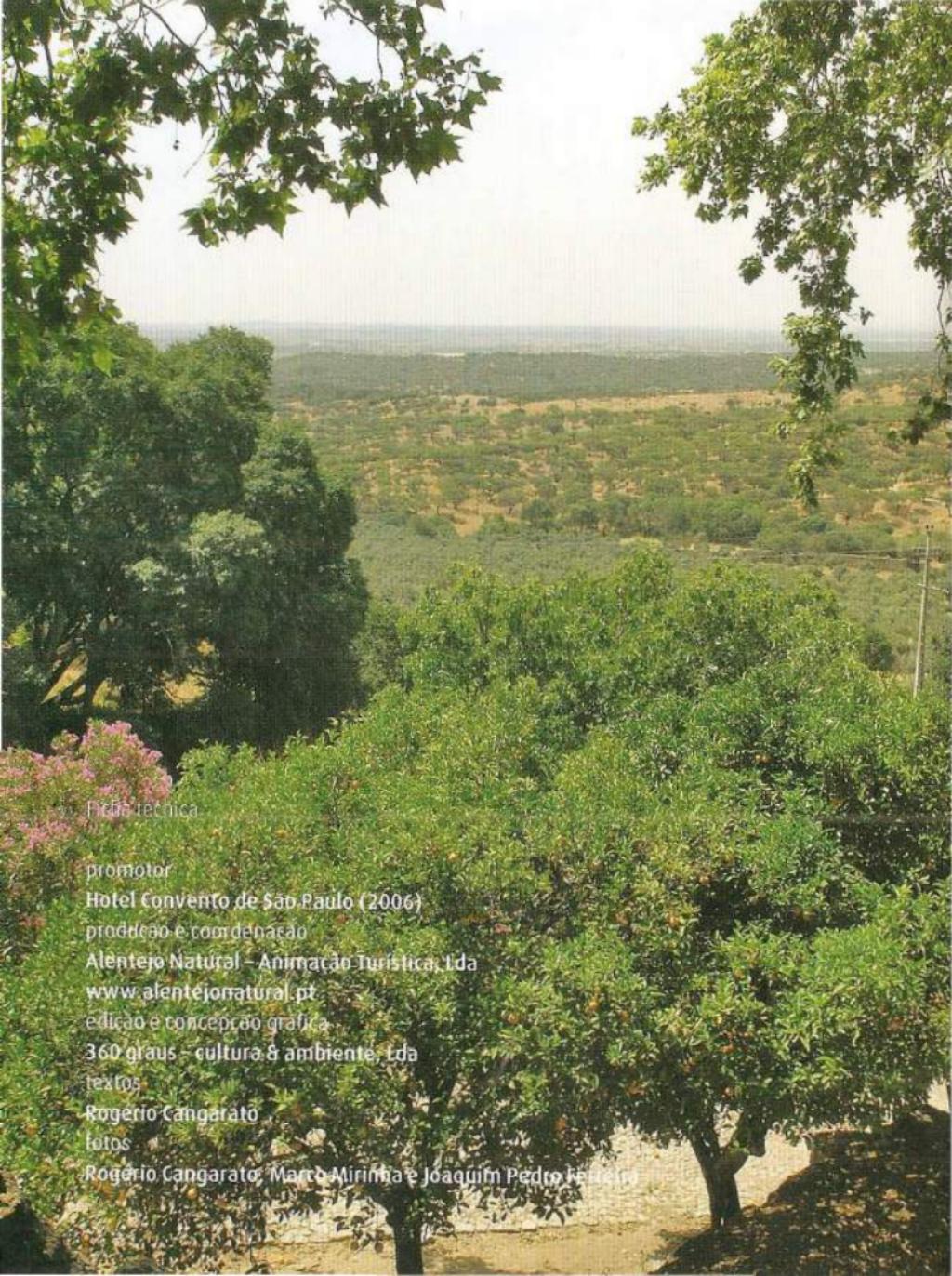


nos caminhos do convento

Percursos de Natureza na Serra d'Ossa





Ditha tecnica

promotor

Hotel Convento de São Paulo (2006)

produção e coordenação

Alentejo Natural - Animação Turística, Lda

www.alentenatural.pt

edição e conceção gráfica

360 graus - cultura & ambiente, Lda

textos

Rogerio Cangarato

fotos

Rogerio Cangarato, Marco Mirimba e Joaquim Pedro Ferreira

Caracterização geral

Localizada entre as planícies de Évora e as encostas do Vale do Guadiana, a Serra d'Ossa eleva-se a uma altitude máxima de 653 m, no Alto de S. Gens. É daqui que em dias de menor nebulosidade se avistam lugares tão distantes quanto a Serra da Estrela, no coração do Portugal, ou a Serra da Arrábida, bem junto ao Atlântico. Para Oriente, em direção ao país vizinho, os horizontes são igualmente enormes e o olhar alonga-se Serra Morena a dentro.

O esplendor da peneplanície em redor é notável, mas a presença do complexo serrano é impressionante e omnipresente; globalmente, este território reparte-se pelos concelhos de Alandroal, Borba, Estremoz, Redondo e Vila Viçosa.

O alinhamento Noroeste-Sudeste de várias cristas rochosas paralelas sobre encostas vertiginosas, dão a entender um polígono rectangular bem marcado com cerca de 26 km de comprimento e 15 km de largura. Em sentido contrário (NE-SW), cruza-se a falha da Messejana, uma fractura geológica de grande dimensão que atravessa toda a região Alentejo.

Os afloramentos de rochas xisto-grauváquicas e xistos silicicosos expõem as características geológicas dominantes no maciço, enquanto

as bolsas de solos esqueléticos mostram as consequências da "campanha do trigo" e, mais tarde, da "euca-liptização". São rochas e solos típicos da Zona Ossa-Morena, a zona geológica em que a Serra se insere.

Da perspectiva climática, é um local de exceção. Ao cariz mediterrânico, de verões longos, quentes e muito secos, junta-se a humidade criada pelo embate dos ventos húmidos de Nordeste nas encostas de maior altitude. Por isso, o Alto de S. Gens é dos pontos mais chuvosos da região e da Serra, mãe-d'água de afluentes significativos para as bacias hidrográficas do Tejo e do Guadiana. As ribeiras de Tera e Lucefécit, por exemplo, bebem nestes vales as suas primeiras águas, por diversas vezes elogiadas em virtude de aptidões medicinais reveladas.

Para tão grande retenção de água contribuiu em muito a vegetação autóctone dominante, segundo se crê, um manto de bosques e matagais mediterrânicos, adaptados à agressividade das condições edafoclimáticas sentidas. Contudo, a primeira imagem da Serra que temos actualmente é uma monocultura de eucaliptos interminável, fruto de uma política florestal desadequada, praticada a partir dos anos 50.

Os efeitos têm sido drásticos: intensifica-se a desertificação; incrementa-se o despovoamento; reduz-se a biodiversidade...

Não obstante, o génio da Mãe Natureza renovou-se e, ao combinar, a menor escala habitats tão diferen-

tes, reproduziu na Herdade do Hotel Convento de São Paulo um património natural bastante favorável para a fauna, coroado por resquícios de flora reliquial (abundante em formas endémicas) cuja preservação e conhecimento se tornam imprescindíveis.

Convento de Serra d'Ossa

2

Herdados do passado, também nos chegaram bens e tradições seculares que configuraram uma riqueza cultural única, patente nos monumentos, nos sítios arqueológicos, nos costumes populares e nos atributos dos produtos tradicionais. Os azeites, os vinhos e a gastronomia locais são apenas alguns exemplos do melhor que a região tem.

Neste contexto, merece lugar de honra o Convento de Serra d'Ossa. Convertido em Hotel no ano de 1993, foi construído por monges eremitas em 1182, num local sobranceiro na encosta Sul da Serra, durante a alvorada da fundação do Reino. Aos pioneiros, os religiosos da ordem de Jesus Cristo da Pobre Vida, sucederam-se outros de vários hábitos e patronos.

Classificado de Imóvel de Interesse Público e de Monumento

Nacional, o espaço exibe com orgulho um conjunto de azulejaria portuguesa (composto por mais de 54 000 peças), esculturas em terracota, fontes florentinas e frescos relativamente bem conservados, a par de argumentos arquitectónicos e históricos relevantes. Segundo diversas referências, a presença de figuras proeminentes da História de Portugal, como D. Sebastião, D. João IV e D. Catarina de Bragança, foi constante.

Outrora abrigo de anacoretas entregues ao culto da fé e das maiores privações, o casario surge presentemente como destino para quem procura um local diferente, repleto de História e de histórias. A sua inscrição no grupo de hotéis "Tesouros de Portugal" prova, simultaneamente, a excelência da qualidade e a beleza superior que o agora Hotel Convento de São Paulo tem para oferecer.

Percursos de Natureza na Serra d'Ossa

Apesar dos declives acentuados incutirem receios compreensíveis, poder-se-á dizer que os percursos sugeridos têm um grau de dificuldade baixo a médio. Os dois primeiros, unicamente pedestres, aproximam-se de um agradável passeio sem grande exigência física; o terceiro, por não ser alheio a atractivos para os entusiastas de caminhadas mais radicais, poderá ser também percorrido em bicicleta ou veículo todo-o-terreno.

Correspondendo na generalidade a caminhos rurais bem marcados, os percursos estão sinalizados por postes identificativos com distribuição regular que auxiliam a seguir os trilhos descritos. Intercaladamente, ocorrem placas informativas temáticas para melhor compreender e interpretar o património natural observa-

do. A leitura dos motivos de interesse pormenorizados deverão obedecer a uma leitura cruzada, pois são comuns aos vários percursos possíveis.

Aconselha-se, também, que informe antecipadamente a receção do hotel da sua intenção de fazer um percurso, a fim de saber-se a previsão metereológica, evitar-se eventuais jornadas de caça ou trabalhos agrícolas incómodos.

Com a devida antecedência, poderá ainda solicitar o acompanhamento de guias especializados (para o efeito, contactar pelos telefones 918 614 431/3).

De seguida, resta apenas aventure-se na propriedade do Convento e descobrir o encanto de 600 hectares de verdadeira Natureza.

Boas observações, melhores sensações...



À volta do convento

6 percurso 1

A primeira proposta consiste num aperitivo destinado a aguçar o apetite e a preparar as pernas para percursos mais longos.

Trata-se simplesmente de o convidar para um pequeno passeio exploratório pelos jardins, hortas e pomares que envolvem o casario edificado. Deambular por estes lugares, sem obedecer a trilhos ou indicações, poderá reservar-lhe boas surpresas naturalistas.





Jardins e recantos iniciáticos

Indissociáveis do conjunto arquitectónico, os jardins e os recantos envolventes conferem imponência e elegância aos edifícios construídos, além dos prazeres da frescura e dos aromas, bem presentes ainda nos dias de hoje.

A criação de um ambiente iniciático de extrema beleza e harmonia, destinado a incentivar a participação dos noviços nos mistérios religiosos, torna esta composição paisagística num paraíso terrestre, digno representante do "jardim-das-delícias".

Mais terrena terá sido a naturalização destes espaços e para algumas espécies animais e botânicas a adaptação a habitats de transição entre a urbe e o meio rural faz parte da sua estratégia de sobrevivência. Uma prova de que Homem e Natureza, desde sempre, têm caminhado juntos.

Neste mosaico de vegetação nativa e árvores originárias dos quatro cantos do mundo, é possível observar a Coruja-das-torres, o Pintassilgo, o Melro-preto, o Musaranho, borboletas como a Bela-dama, diversos aracnídeos, entre muitas outras espécies.

Hortas e pomares

Reflexo da hostilidade das condições ambientais e da insegurança de outros tempos é comum verem-se no Alentejo as fontes de abastecimento alimentares próximas dos povoados humanos, no rumo da auto-suficiência.

Das hortas e pomares, regadas por gravidade pelas abundantes águas da serra, se abastavam de frutas e legumes os frades eremitas. Mas, apesar do elevado grau de artificialização, podemos encontrar neste meio uma extraordinária biodiversidade, onde se inclui um grande número de espécies protegidas por convenções internacionais.

Se, por um lado, a concentração de indivíduos de determinadas espécies faunísticas pode provocar danos nas culturas agrícolas, por outro, é garantia de um controle biológico na prevenção de pragas e doenças.

Entre as espécies presentes, destaquem-se as andorinhas, o Estorninho, a Toupeira-cega, o Ouriço, o Escorpião, além da Cobra-cega, um curioso réptil de olhos atrofiados, exclusivo da Península Ibérica.



8 | Caminhos da aldeia percurso 2

O percurso inicia-se junto à placa informativa que se encontra no acesso principal ao Hotel. Deve em seguida tomar o caminho à esquerda passando nas traseiras do cordão de casas fronteiro ao cruzeiro. Daqui, a vista promete uma experiência que a realização desta caminhada confirmará.

Como variante, poderá incluir no roteiro uma ida à Capela de Nossa Senhora do Monte Virgem, construída sobre um dos vales da Serra menos alterados, ou optar por um passeio até à Aldeia da Serra.

No regresso, já próximo do Convento, o percurso integra-se, gradual e pausadamente, em zonas de interesses temáticos já descritos: as hortas e os pomares, primeiro; os jardins do convento, depois (ver pág. 7).

Siga o circuito verde e contacte de perto com os habitats, a fauna e a flora que melhor transmitem o ambiente original destes lugares, ou seja, o património natural associado aos bosques e aos matagais mediterrânicos.





Sobreiros e azinheiras

Símbolos de tenacidade e resistência, o Sobreiro e a Azinheira são duas espécies de carvalhos típicas das regiões mediterrânicas, que assumem regionalmente um importante valor social, económico e ecológico.

Extraída do Sobreiro a cada nove anos, durante o calor estival, a cortiça é um produto da floresta que destaca mundialmente Portugal. Características únicas possibilitam o seu uso como vedante nos melhores nectáres vinícolas e soluções na construção de naves espaciais.

A Azinheira é, porventura, a árvore que melhor simboliza a paisagem alentejana e a espiral de Vida que gravita em seu redor. Durante o Estio, nas horas de maior calor, é de um encanto especial, ouvir a Cigarrada ou o canto entusiasmado de um Tentilhão, sob a sombra fresca da sua folhagem.



Bosques e matagais mediterrânicos

Constituíam, no passado, o coberto vegetal dominante nas paisagens alentejanas. Todavia, a florestação da Serra com pinheiros e eucaliptos, reduziu a enclaves diminutos as manchas de vegetação reliquial, compostas por plantas adaptadas às condições geográficas e climáticas locais.

Dependem deles actividades económicas directas, mas também contributos ecológicos de valor incalculável a nível da preservação da biodiversidade, da conservação do solo e da manutenção do ciclo da água.

Os azinhais e os sobreirais, associados a zambujeiros, a medronheiros e aroeiras, são formas evoluídas dos matagais que, nas zonas menos intervencionadas, se tornam exuberantes e complexos. No substrato abundam carrascos, estevas e sargaços, rosmaninhos, tojos, urzes, giestas, orquídeas silvestres e algumas plantas endémicas.

Da fauna presente, destaque-se a beleza da Borboleta-dos-medronheiros, a graciosidade da Felosa-do-mato e a hostilidade da Víbora-cornuda.



Ervas aromáticas, condimentares e medicinais

Alecrim, Rosmaninho, Poejo, Orégão, Manjerona, Tomilho, Cidreira, Fel-da-terra, Funcho, Dedaleira, Hiperição, Carqueja, Espargo-bravo, Loendro, são apenas algumas das plantas possíveis de encontrar na Serra d'Ossa.

Bem ao jeito do interesse dos convencionais, a diversidade de ervas ofertadas pela Mãe Natureza assume um valor absolutamente extraordinário. Cheiros, sabores e fármacos naturais aparecem anualmente nos jardins, ribeiras, prados e bosquedos, à disposição de quem melhor as conhece.

Os óleos essenciais são um dos usos principais. Extraí-se a alma da planta, a fim de assegurar a produção de matérias-primas para a indústria alimentar, cosmética e farmacêutica.

Com vista à satisfação de prazeres terrenos, a gastronomia alentejana possui um vasto património receitual que vive, em muito, dos aromas das ervas aromáticas, fruto da combinação única entre os saberes e os sabores alentejanos. Frescas ou secas, não deixe de as degustar no tentador roteiro gastronómico da região!

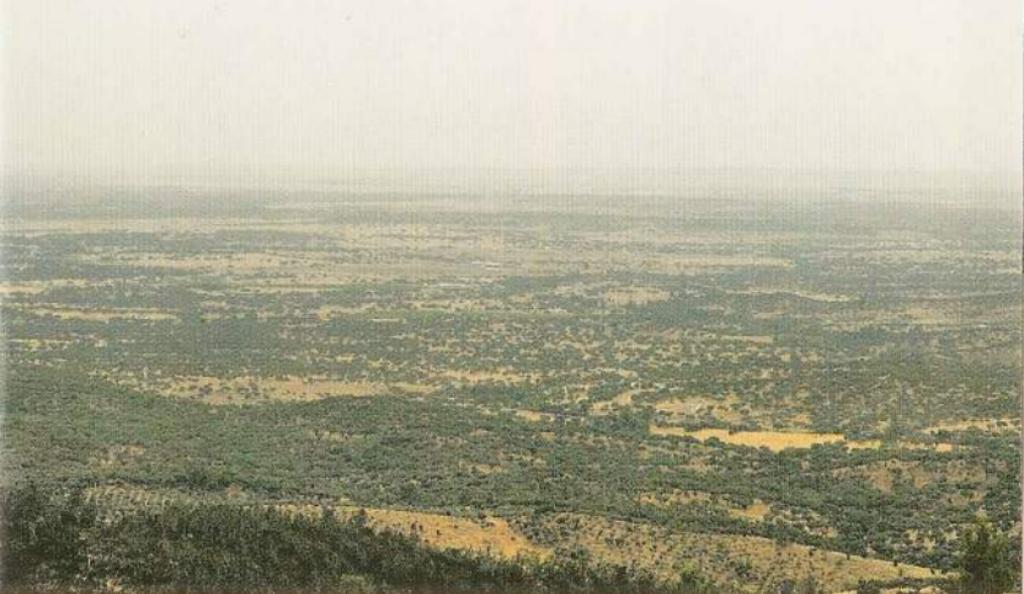


Ribeiras e galerias ripícolas

Na Serra onde se diz haver "tantas fontes como dias tem o ano", as ribeiras apresentam caudais médios reduzidos e um carácter de elevada sazonalidade conforme o paradigma mediterrâneo. O regime torrencial a que estão sujeitos, dá-lhes a configuração de vales cavados e sinuosos serpenteando por entre afloramentos rochosos mais resistentes.

Neste meio, a fauna e a flora são confrontadas com condições ambientais extremas. Durante o Verão, a água escasseia; no Inverno, tolera-se a fúria da sua torrente.

Ladeando as margens dos cursos de água, a vegetação assume um padrão complexo. Surgem corações de freixos e choupos que, além de concentrarem um manancial de vida própria, exercem grande atração sobre os animais dos habitats envolventes. Aqui podemos encontrar, além de muitas outras espécies, morcegos em perigo de extinção, que podem capturar por dia mais de metade do seu peso em insectos.



A t é o n d e a v i s t a a l c a n ç a

percurso 3

11

A semelhança do anterior, o percurso vermelho tem início junto da placa informativa principal. Siga depois o caminho descrito até à Fonte da Senhora da Saúde, onde encontrará a placa relativa aos "sobreiros e azinheiras" (ver pág. 9), temática de interesse comum a ambos os circuitos.

Se preferir, como variante, poderá realizar esta proposta em bicicleta ou veículo todo-o-terreno e empreender, desse modo, uma visita ao Alto de São Gens, o ponto de maior altitude na Serra. Se optar por um veículo motorizado deverá efectuar o regresso ao Hotel pela estrada municipal (alcatrão); caso contrário, será recebido pelos trilhos pedestres dos espaços verdes do Convento (ver pág. 7).

Devido ao grau de dificuldade acrescido, aconselha-se que este roteiro seja realizado durante a Primavera e o Outono, evitando assim ser surpreendido por dias de chuva ou de calor intenso. Seja como for, a frescura das manhãs será sempre o momento mais oportuno para conhecer as virtudes da interioridade...



Eucaliptais e pinhais

A plantação de milhões e milhões de eucaliptos por mais de 8 000 hectares, nos anos 50 e 60, marcam negativamente a história da serra, pois motivou um ciclo global de degradação ecológica e o processo de abandono e despovoamento que dura até aos nossos dias.

Contudo, a Vida teima em vingar e, paulatinamente, cada Primavera brinda-nos com manchas de coloridos e perfumados bosquedos, onde ocorrem verdadeiras jóias botânicas. No sub-bosque dos pinhais e nos enclaves florestais abrigados do sol intenso, não será difícil encontrar a Rosa-albardeira, o Trovisco, o Pilriteiro, a Madressilva, a Murta, a Gilardeira e o Orvalho-do-sol, uma planta carnívora muito peculiar que captura insectos como mosquitos ou borboletas.

Sobrevoados por majestosos espécimes de Águia-cobreira ou Águia-calçada, duas migradoras estivais que vêm de África para nidificar, podemos ouvir facilmente o martelar furioso de um Pica-pau-malhado.



Todo o Alentejo deste mundo

A 569 m de altitude, no Alto do Pero Crespo, entre os sítios do Cabeço de Águia e a Pia do Lobo – dois topónimos em memória de espécies animais cada vez mais raras – a altitude é pouco elevada, mas dá-nos a contemplar todo o Alentejo deste mundo.

Em dias favoráveis, o olhar estende-se por uma vasta região: para Oeste, a Arrábida, no litoral português; para Leste, as faldas da Serra Morena que, vinda de Espanha, morre nas encostas do Grande Rio do Sul, o Guadiana.

Lá em baixo, a planície acolhe uma imensa diversidade de habitats naturais e artificializados. Ribearias, montados de sobro e azinho, hortas, vinhedos, oliveiras, matagais, pousios e campos de cereais, pincelam a paisagem ao critério da acção secular e harmoniosa do homem rural. Faça uma pausa, descance um pouco e aprecie um quadro que nos convida a meditar...



Água e represas

Da água nasce a vida e, numa região tão árida como esta, cada gota toma um valor inestimável. A uma maior disponibilidade a Natureza agradece e responde-nos em todo o seu esplendor. Assim acontece numa pequena represa... Procuradas pelos homens em tempos de lazer, são essenciais aos animais na sua constante luta pela sobrevivência.

Aqui se alimentam a Libelinha e o Guarda-rios, enquanto a Garça-boiera, a Perdiz-vermelha e o Pombo-torcaz se refrescam e dessedentam nos dias de maior calor. Sempre discreta, a Lontra percorre incessantemente as linhas de água, onde captura as presas de que se alimenta.

Entre os anfíbios é possível encontrar neste habitat a Salamandra-de-pintas-amarelas, a Rela e o Sapo-partepiro-ibérico, um endemismo ibérico que procura os terrenos pouco consistentes das zonas alagadas para se abrigar.



Agrossistema "montado"

O "montado" resulta da intervenção humana sobre o bosque mediterrânico, por aclaramento do arvoredo e desbaste do matagal, de forma a associar actividades agrícolas, silvícolas e pastoris. Seja misto, seja dominado por sobreiros ou azinheiras, este habitat típico da Península Ibérica é empresa de inúmeros "produtos da terra" que valorizam a economia regional.

Do solo, sob as copas das árvores, surgem nas estações húmidas diversas espécies de saborosos cogumelos. Da azinheira provém a bolota, que já fez pão e cerveja; mas hoje, deve-lhe o porco-preto, utilizado nas iguarias da cozinha local, a qualidade reconhecida.

Com importância ecológica acrescida, do "montado" dependem aves como a Águia-de-asa-redonda, a Coruja-do-mato, a Cegonha-preta, o Gaio e a Pega-azul, além da Raposa, do Gato-bravo e, sobretudo, do Lince-ibérico, actualmente o felino mais ameaçado do mundo.

Nomes comuns e científicos das espécies mencionadas

Nome comum

Nome científico

Águia-calçada *Hieraetus pennatus*

Águia-cobreira *Circaetus gallicus*

Águia-de-asa-redonda *Buteo buteo*

Alecrim *Rosmarinus officinalis*

Andorinha-dáurica *Hirundo daurica*

Aracnídeos (diversas espécies) *Araneomorpha (ordem)*

Aroeira *Pistacia lentiscus*

Azinheira *Quercus rotundifolia*

Bela-dama *Vanessa cardui*

Borboleta-dos-medronheiros *Chrysops lassius*

Carrasco *Quercus coccifera*

Carqueja *Prerospartum tridentatum*

Cegonha-preta *Ciconia nigra*

Choupo *Populus spp. (gen.)*

Cidreira *Melissa officinalis*

Cigarra *Homoptera (ordem)*

Cobra-cega *Blanus cinereus*

Codumelos (diversas espécies) *Lepiota procera (e.g.)*

Coruja-das-torres *Tyto alba*

Coruja-do-mato *Strix aluco*

Dedaleira *Digitalis purpurea*

Escorpião *Buthus occitanus*

Espargo *Asparagus spp. (gen.)*

Estevas (diversas espécies) *Cistus sp. (gen.)*

Esturninho *Sturnus unicolor*

Eucalipto *Eucalyptus globulus*

Fel-da-terra *Centaurium erythraea*

Felosa-do-mato *Sylvia undata*

Freixo *Fraxinus angustifolia*

Funcho *Faeniculum vulgare*

Gaio *Garrulus glandarius*

Garça-boleira *Bubulcus ibis*

Gato-bravo *Felis silvestris*

Giestas *Génista sp.*

Gilbardeira *Ruscus aculeatus*

Guarda-rios *Alcedo atthis*

Hiperíago	<i>Hypericum perforatum</i>
Libelinha	<i>Sympetrum sanguineum</i>
Lince-ibérico	<i>Uroxys pardalis</i>
Loendro	<i>Nerium oleander</i>
Loura	<i>Lutra lutra</i>
Macela	<i>Chamaemelum nobile</i>
Madressilva	<i>Lonicera periclymenum</i>
Mangerona	<i>Origanum majorana</i>
Medronheiro	<i>Arbutus unedo</i>
Melro-preto	<i>Turdus merula</i>
Morcegos (diversas espécies)	<i>Rhinolophus hipposideros (e g.)</i>
Murta	<i>Myrtus communis</i>
Musaranho	<i>Crocidura russula</i>
Óregão	<i>Origanum virens</i>
Orquídea-silvestre	<i>Orchis caligata</i>
Orvalho-do-sol	<i>Drosophyllum lusitanicum</i>
Ovídio	<i>Erinaceus europaeus</i>
Pega-azul	<i>Cyanopica cyanus</i>
Perdiz-vermelha	<i>Alectoris rufa</i>
Pica-pau-malhado	<i>Dendrocopos major</i>
Pitriteiro	<i>Crataegus monogyna</i>
Pinheiro-bravo	<i>Pinus pinaster</i>
Pinheiro-manso	<i>Pinus pinea</i>
Pintassilgo	<i>Corduleles carduelis</i>
Póeo	<i>Mentha pulegium</i>
Pombo-torcaz	<i>Columba palumbus</i>
Raposa	<i>Vulpes vulpes</i>
Rela	<i>Hyla arborea</i>
Rosa-albardeira	<i>Paeonia broteroi</i>
Rosmaninho (diversas espécies)	<i>Lavandula spp. (gen.)</i>
Salamandra-de-pontas-amarrelos	<i>Salamandra salamandra</i>
Sapo-partear-ibérico	<i>Alytes cisternasii</i>
Sargacos	<i>Cistus spp.</i>
Silva	<i>Rubus ulmifolius</i>
Sobreiro	<i>Quercus suber</i>
Toupeira-cega	<i>Talpa caeca</i>
Tenrilhão	<i>Fringilla coelebs</i>
Tojo (diversas espécies)	<i>Ulex spp. (gen.)</i>
Temilhão	<i>Tymus vulgaris</i>
Trovisco	<i>Daphne gnidium</i>
Ume (diversas espécies)	<i>Calluna vulgaris (e.g.) e Erica spp. (gen.)</i>
Vibora-cornuda	<i>Vipera latastei</i>
Zambujeiro	<i>Olea europaea sylvestris</i>

Um lugar com história

"A que mais se remonta he a serra de S. Gens, levantandose em tanta altura, que parece que nam tem as nuvens visinhança mais proxima. (...) Todos estes montes e serras erão antigamente asperrimos, & incultos, tudo brenhas, & altissimos matos, & por esta causa erão habitados de muitas feras, que a deixarão de povoar depois que para semearem nellas se principiarão a romper, & ainda há poucos anos se achórão estevas em huma herdade deste Convento, que medidas tinhão de comprimento vinte & seis palmos... poém nam he triste a dita montanha, porque supposto consta de tam grandes, & escabrosas terras, com tudo entre humas, & outras se dilatão fertilissimos vales, que com a frescura, & frondoso dos arvoredos, ainda que sylvestres, se mostrão muy agradaveis, & apraziveis, principalmente no Estio, porque por huma, & outra parte nascem muitas fôtes, que acompanhadas com o canto de muitas, & sonoras aves, fazem com seu ruido consonancias tam suaves, que suspendem os passageiros, & só a herdade das Cortes, que he granja do Convento da Serra d'Ossa, & lhe fica em distancia de huma legoa, consta que tem setenta & tantas fontes, por cuja causa goza esta herdade da frescura de muitos freixos, da fertilidade de grandes pastos, & do melhor montado, que se acha em todas aquellas partes. (...) Na melhor parte pois, & mais fresca, & aprazível de toda esta serra está fundado o principal Convento dos Religiosos de S. Paulo..."

*in António Carvalho da Costa, Corografia Portugueza
e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal (Tomo II), 1708*

Ao longo dos tempos, numerosos cronistas de relevo e escritores maiores dedicaram páginas de prosa à Serra d'Ossa, atraídos pela riqueza natural e pelo interesse e abundância dos testemunhos históricos e culturais presentes.

Sob diversas formas, chegaram até nós impressões e sentimentos, inspirados no melodioso canto das aves, nos odores das plantas aromáticas, nos sabores dos frutos silvestres, na suavidade de uma pétala ou na intimidade da paisagem. Por vezes, numa mescla de tudo isto.

A melhor forma, contudo, de conhecer o património e a diversidade biológica desta região é percorrer os caminhos outrora trilhados pelos frades eremitas. Numa experiência gratificante dada à meditação e ao conhecimento, faça uso pleno dos seus sentidos...

L e g e n d a

● Hotel Convento de São Paulo

— Auto-estrada A2

— Estradas

— Percurso "Caminhos da Aldeia"

— Variante ao percurso

— Percurso "Até onde a vista alcança"

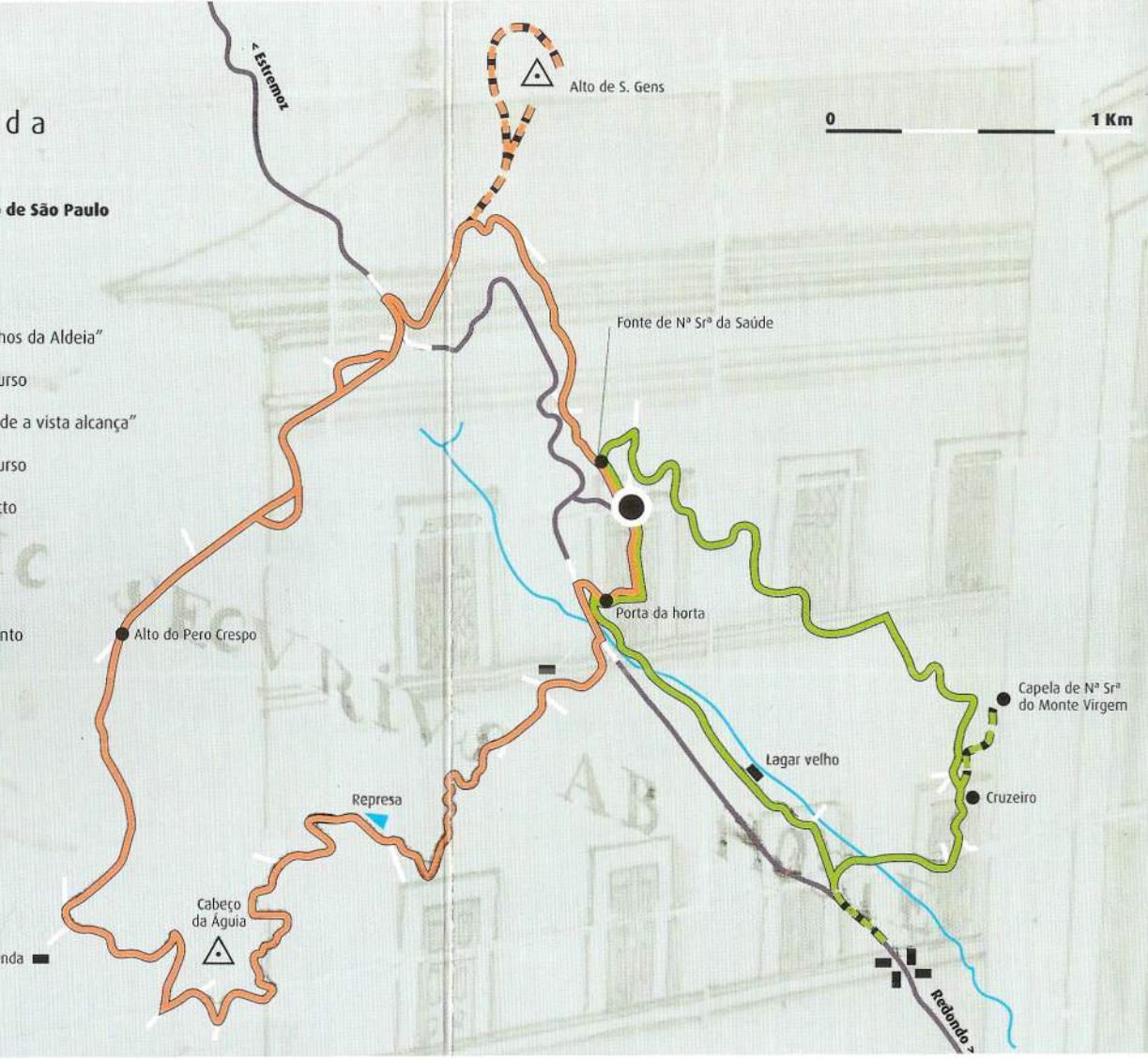
— Variante ao percurso

— Caminho incorrecto

▲ Marco geodésico

■ Aldeia da Serra

— Ribeiro do Convento





Hotel
Convento de São Paulo

★ ★ ★ ★

Serra d'Ossa • Redondo • Alentejo

Aldeia da Serra | 7170-120 Redondo | Portugal

T. 266 989 160 | F. 266 989 167

hotelconvspaulo@mail.telepac.pt

www.hotelconventospaulo.com

Co-financiado

